

## POPULISMO ENQUANTO FENÓMENO POLÍTICO

**Maria Sousa Galito**

[maria.sousa.galito@gmail.com](mailto:maria.sousa.galito@gmail.com)

Investigadora Integrada do CEsA/CSG – Investigação em Ciências Sociais e Gestão do ISEG/Universidade de Lisboa (Portugal) desde 2013. Pós-Doutoranda e Investigadora Associada do Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa desde 2017. Doutorada (2006/08) e Pós-Graduada (2002/04) em Ciência Política e Relações Internacionais no Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa (IEP-UCP). Mestre em Economia (1999/2000) na Universidade de Nantes, França. Licenciada em Economia (1995/99) na Universidade de Évora. Auditora de Defesa Nacional (2012/14) no Instituto de Defesa Nacional. Curso de Formação Especializada para Observadores de Curto Termo no ISCS (2016). Professora auxiliar durante cinco anos. Oradora experiente, com publicação regular de artigos de investigação no âmbito nacional e internacional.

### Resumo

O populismo é um fenómeno político que é difícil de definir e, portanto, de medir. Tanto é temido como glorificado. A sua teorização pode ser, em si, uma afirmação política.

O populismo é extremista e anti-sistémico, assim se diferenciando do que é popular e genericamente aceite, mas moderado no seu alcance. Pode ser uma estratégia política, uma ideologia, ou um estilo facilmente propagado pelos meios de comunicação, em especial quando defendido por líder carismático, capaz de gerar emoções e de galvanizar o povo.

### Palavras-chave

Populismo, Democracia, Antissistema

### Como citar este artigo

Galito, Maria Sousa (2018). "Populismo enquanto fenómeno político". *JANUS.NET e-journal of International Relations*, Vol. 9, Nº. 1, Maio-Outubro 2018. Consultado [online] data da última consulta, DOI: <https://doi.org/10.26619/1647-7251.9.1.4>

**Artigo recebido em 11 de Maio de 2017 e aceite para publicação em 31 de Agosto de 2017**





## POPULISMO ENQUANTO FENÓMENO POLÍTICO

**Maria Sousa Galito**

### Introdução

O artigo está dividido em três capítulos. O primeiro tenta definir o populismo e explica a falta de consenso em torno da sua conceptualização.

O segundo capítulo preocupa-se em avaliar o fenómeno, identificando os tipos de populismo, os seus principais alvos e propõe algumas das formas de medi-lo.

O terceiro capítulo contextualiza o tema, do ponto de vista da disseminação, levando em consideração as emoções e os meios de comunicação que as projetam. Identifica formas de manipulação das massas, diretas ou indiretas, antes de avançar com as principais conclusões da investigação.

Do ponto de vista metodológico, foram consultadas fontes secundárias, livros e artigos científicos, alguns dos quais disponíveis *online*. As traduções foram asseguradas pela autora do artigo.

### 1. Definir Populismo

O que é o populismo? É um fenómeno político.<sup>1</sup> A sua definição não é consensual.<sup>2</sup> Divisões históricas<sup>3</sup>, geográficas, ou ideológicas interferem na tentativa de concetualizá-lo.<sup>4</sup> Possui natureza camaleónica.<sup>5</sup> Reproduz-se em diferentes contextos. É difícil

---

<sup>1</sup> «O populismo, enquanto fenómeno político e a sua relação com a democracia, é atualmente fonte de debate animado (...)» (Ostiguy, 2001: 1)

<sup>2</sup> «Como muitos dos termos do léxico da ciência política, o populismo é marcado por um elevado grau de contestação. (...) podemos argumentar que o populismo é usado de forma tão abrangente – e normalmente de forma derogatória para denegrir qualquer personalidade de quem não se gosta – que perdeu o seu valor analítico e o seu significado» (Moffitt e Tormey, 2014: 382).

<sup>3</sup> «Fazendo um apanhado dos movimentos sociais ‘populistas’ da História, o conceito de populismo já foi aplicado aos protestos dos agricultores americanos, tal como aos movimentos dos *narodniki* da Rússia do final do séc. XIX. Depois o termo tornou-se popular nos anos 60 e 70 quando foi atribuído à natureza alusiva dos regimes políticos nos países do Terceiro Mundo, governados por líderes carismáticos. Era aplicado sobretudo no contexto político da América Latina. Hoje em dia o populismo está relacionado com um grupo diversificado de atores e políticas. Silvio Berlusconi, Hugo Chavez, Mahmoud Ahmedinejad, Geert Wilders, os polacos irmãos Kaczynski são todos considerados líderes populistas por comentadores e vários agentes políticos» (Azzarello, 2011: 9).

<sup>4</sup> «Ideologia, partidos políticos, líderes e discurso populistas crescem e alastram da América à Europa e do Médio Oriente à Ásia Oriental. Mas ainda falta acordar sobre a forma de medir ou definir este fenómeno. Populismo significa coisas distintas para diferentes áreas geográficas, contextos históricos e ideologias». (Dinç, 2016: 4)

<sup>5</sup> «A literatura comparativa concorda, em termos gerais, que o populismo é confrontacional, camaleónico, cultural e dependente do contexto» (Arter, 2010: 490).



encontrar um denominador comum a todas as suas expressões.<sup>6</sup> Mas é importante balizar o âmbito de análise, para alimentar um debate construtivo<sup>7</sup>.

Na década de 60 do séc. XX, um dos primeiros ensaios sobre o tema, reconhecia a importância do populismo e a dificuldade em explicá-lo.<sup>8</sup> Nas duas décadas subsequentes, o fenómeno associava-se ao marxismo estrutural ou à teoria da modernização e derivava de consequências políticas e históricas dos países periféricos ou em desenvolvimento. Nos anos 90 surgiu o conceito de neopopulismo, que se adaptava a um mundo em mudança no período pós Guerra Fria. Depois disto, o seu valor foi reduzido a instrumento analítico.<sup>9</sup> Mas recuperou força de embate na segunda década do séc. XXI.

No seio dos partidos políticos, o populismo é estudado a três níveis: classificação, descrição ou admoestação. Limita-se o âmbito de estudo, para distinguir os agentes populistas dos demais. Adjetiva-se a questão. A perspectiva seguinte é normativa, pois o populismo, para uns, traduz a “verdadeira vontade da maioria” e, para outros, “coloca em perigo a democracia”.<sup>10</sup>

Em países desenvolvidos, o populismo costuma ter conotação pejorativa e os candidatos a cargos públicos repudiam-no, mesmo quando o utilizam como instrumento de trabalho e de projecção profissional.

Em sociedades assimétricas, em que os privilegiados são poucos e a classe média é minoritária, o populismo pode ser entendido como um ato de coragem, a favor da “integridade”, contra a corrupção dos mais ricos.<sup>11</sup> Portanto, se o populismo é bom ou mau? Depende da perspectiva.

Os partidos populistas revoltam-se, supostamente, contra o abuso de poder dos fortes sobre os fracos, numa comunidade injusta. Defendem uma noção radical de igualdade política. Lutam pela supremacia do povo.

Se almejam vencer as eleições, não estão integrados na sociedade que criticam e, assim, conquistam a lealdade do eleitorado que se considera excluído. Organizam-se à margem do sistema. Lutam contra grupos de pressão (*lobbies*). Reivindicam ser mais democráticos do que quaisquer outros. Fazem discursos difusos que possam agradar à

---

<sup>6</sup> «Nas últimas duas décadas, o termo ‘populismo’ tem sido cada vez mais usado na Europa Ocidental – tanto na linguagem académica como vernácula. O conceito tem sido aplicado a uma gama alargada de partidos políticos como a *Front National* em França, *Die Linke* na Alemanha, o *British National Party* da Grã-Bretanha e o *Lijst Pim Fortuyn* da Holanda. Em resultado desta ampla aplicação, existe grande desentendimento sobre a forma como o populismo deve ser definido» (Rooduijn e Pauwels, 2010: 2).

<sup>7</sup> «Uma vez que o populismo não tende a desaparecer nas democracias contemporâneas (...) à medida que os estudos mais diversos sobre o tópico proliferam, é de particular importância que os investigadores sejam explícitos e precisos sobre uma possível definição de populismo. Não só é crucial, para uma operacionalização adequada do fenómeno, mas também é pré-requisito necessário a um debate construtivo que reúna resultados de múltiplos casos e períodos temporais» (Gidron e Bonikowski, 2013: 31).

<sup>8</sup> «No presente, não há dúvida sobre a *importância* do populismo. Mas ninguém sabe exatamente o que é. Enquanto doutrina ou movimento é elusiva e mutável. Brota de todo o lado, mas em muitos e contraditórios formatos» (Ionescu e Gellner, 1969: 4).

<sup>9</sup> Ding, 2016: 6.

<sup>10</sup> Sikk, 2009: 2-5.

<sup>11</sup> «Quando os votantes temem que os políticos possam ser influenciados ou corrompidos pela elite rica, valorizam sinais de integridade. Em consequência, um político honesto à procura da reeleição, escolhe políticas “populistas” – isto é, à esquerda do votante médio – para comprovar que não foi tomado pelos interesses da direita. Políticos que são influenciados pelos interesses especiais da direita respondem com políticas moderadas ou de centro-esquerda» (Acemoglu, Egorov, Sonin, 2013: 771).



maioria e elevar a população à categoria de grupo cultural homogéneo capaz de ambicionar o poder.<sup>12</sup>

Se querem manter o cargo, o inimigo é externo e os agentes afirmam-se vítimas de tentativas de golpe de Estado por parte da oposição. A informação disponibilizada pode ser duvidosa e os meios justificam os fins. A retórica recorre a mensagens simples e diretas, facilmente perceptíveis pelo cidadão comum. Têm uma noção generalista de *povo*, feita à medida das necessidades do momento.<sup>13</sup> Neste sentido, o populismo é um paradoxo da Democracia representativa.<sup>14</sup>

O populismo é prolífero em terrenos pantanosos, ou seja, quando os partidos políticos tradicionais perdem credibilidade por estarem em crise, enterrados em burocracias, lutas intestinas ou estruturas obsoletas. Combate os partidos-cartéis que não velam pelos interesses do cidadão comum e que não se responsabilizam pelas confusões que geram.<sup>15</sup>

O partido populista afirma lutar incansavelmente pelo povo contra os privilegiados do sistema. Enfraquece as instituições existentes para aplicar programas alternativos de redistribuição de riqueza.<sup>16</sup> Mas raramente entrega o poder às massas.

Regra geral, no rescaldo das eleições, o populismo substitui a elite derrotada por uma nova elite, do tipo clientelista, assim recompensada pelo apoio prestado.<sup>17</sup> Mas quando uma elite substitui outra, deixa de ter bases populares? Podem populistas ser contra o populismo, a partir do momento em que integram o (novo) sistema?

Há países onde o discurso político invoca constantemente as virtudes democráticas. Mas, quando o protesto das populações se torna incómodo, a elite tenta reduzi-lo à insignificância e o Estado domestica-o à sua medida. A nação às vezes esquece o seu passado revolucionário<sup>18</sup> e abusa da retórica técnica e burocrática para anular revoltas populares que supostamente colocam em risco a Democracia. Até quando, décadas antes, movimentos semelhantes ou mais radicais, venceram à força o regime anterior, minando um modelo para implementar outro. Neste caso, um movimento é democrático quando agrada à maioria parlamentar e populista quando vai contra os interesses instalados.

---

<sup>12</sup> Corduwener, 2014: 433.

<sup>13</sup> «A categorização de 'povo' é criada por líderes que clamam representá-lo. Esta apropriação autoritária da população e dos seus valores tem significados contraditórios. Por um lado, o populismo restaura e valoriza o valor cultural do homem comum. Por outro, os líderes apropriam-se do significado do que é popular e tentam impor versões sobre a sua autenticidade (...) baseada na identidade de um povo unitário, com uma só voz e interesse, com um líder a representar os valores nacionais e democráticos» (Torre, 2007: 394).

<sup>14</sup> «(...) Pelo menos dois fatores indicam que, na política, elementos de populismo vão continuar a existir e cada vez mais. Primeiro, a democracia representativa quase inevitavelmente acompanha o populismo, devido a um paradoxo da democracia. Portanto, dificilmente vão diminuir as oportunidades dos populistas restaurarem o poder do 'povo'. Segundo, a mediatização da política também não vai esbater-se. O que confere oportunidades aos populistas de se reunirem e ganharem apoio, para transmitirem mensagens simples e se apresentarem como líderes carismáticos e verdadeiros representantes do 'povo'.» (Deiwiks, 2009: 8)

<sup>15</sup> Martinelli, 2016: 20-21.

<sup>16</sup> Acemoglu, Egorov, Sonin, 2013: 802.

<sup>17</sup> Barr, 2009: 42.

<sup>18</sup> Em Portugal, só no séc. XX, houve vários golpes militares, incluindo a Revolução do 25 Abril. «Toda a retórica de um Portugal moderno e europeu participa num trabalho constante de construção de uma memória seletiva e de esquecimento de um passado recente revolucionário, pelo abandonar lento e sistemático dos ideais de igualdade e de participação popular» (Mendes, 2005: 182).



Um boicote eleitoral<sup>19</sup> ou uma manifestação de rua podem ser fenómenos localizados, mas são forças identitárias, não mercantis ou comunitárias.<sup>20</sup> Aquando regulares, são a expressão evidente da vontade popular e podem ser mais genuinamente democráticos do que um acordo parlamentar de partidos que governam à revelia da vontade da maioria, aprovando leis contrárias aos valores dominantes na sociedade, sem recorrerem a referendos em temas fraturantes. Até porque nem todos os cidadãos votam, em especial quando já não acreditam nos políticos que, de forma oportunista, reclamam vitórias estatísticas e esquecem dramas profundos vividos pelas populações, que um dia, em desespero de causa, poderão considerar que a situação já só se resolve com uma nova revolução.

Na América Latina, por exemplo, o populismo cresceu nas cidades. No início do séc. XX estava associado à mutação social, sob impulso dos trabalhadores urbanos contra a rigidez rural e conservadora, latifundiária e classicista, que evitava partilhar os recursos com a maioria da população.<sup>21</sup> Neste sentido, agradava ao proletariado e ao setor informal, anti-sistémico e revolucionário. Nalguns casos, os seus líderes alcançaram o poder, por serem carismáticos e terem elevados índices de popularidade. Mas perderam-no de forma trágica<sup>22</sup> assim que saíram goradas as expectativas dos seus apoiantes. Mais tarde, o populismo revoltou-se contra a crise económica, a corrupção, a hiperinflação, a má distribuição dos rendimentos. Renasceu dos traumas de regimes militares, substituídos por regimes supostamente mais democráticos, mas caóticos, assentes em bases frágeis.<sup>23</sup>

O populismo alimenta-se dos traumas do *povo*, da *maioria*. Se o fenómeno for uma força de esquerda, é a favor dos “pobres”. O grupo rival é a elite rica de direita que governa de forma supostamente corrupta e que deve ser combatida pelo sofrimento que impinge às massas.<sup>24</sup> Propaga em países em desenvolvimento, onde a prioridade é tirar a população da miséria.

---

<sup>19</sup> Em Portugal: «A profissionalização e a especialização da vida política reforçam as lógicas internas e autocentradas do campo político. (...) Só assim se poderá entender as reações extremadas das autoridades políticas nacionais e dos agentes políticos, por exemplo, perante os boicotes eleitorais. Estes últimos permitem a irrupção no espaço político e na esfera pública das pessoas comuns que, muitas vezes à margem de lógicas partidárias, afirmam as suas ações como atos reivindicativos de cidadania, de participação, como vozes e corpos que perturbam o mito de uma democracia sem dissenso ou conflitos» (*Id. Ibid.*).

<sup>20</sup> Em Portugal: «Prevaleceu nos festejos uma lógica não mercantil e comunitária. Era uma forma lúdica e liminar de retrabalhar identidades, de afirmar a comunidade e a igualdade de todos, esquecendo rivalidades e inimizadas, trazendo também ao convívio os que eram críticos do Movimento ou da restauração do concelho. Era um trabalho de memória, em que se afirmava a autoestima de uma população, o reconhecimento do seu valor e da sua existência, a possibilidade de desenvolvimento e de fixação das gerações futuras e o acreditar na viabilidade de fixação no interior do país» (*Id. Ibid.*: 171).

<sup>21</sup> «(...) A política da América Latina foi objeto de enormes transformações nos anos 20 e 30 [séc. XX] devido ao surgimento de amplo processo de urbanização. Depois de longa história de um sistema político elitista baseado no domínio da classe dos senhores da terra, uma nova onda de líderes políticos de bases urbanas emergiu, com apoio num esquema multiclassista que inclui o proletariado urbano, os funcionários de um setor público em crescimento e a população urbana marginalizada (...)» (Sachs, 1990: 12)

<sup>22</sup> «Os episódios populistas que examinámos redundaram em fracassos, às vezes até em tragédias. Perón foi forçado a exilar-se, deixando atrás de si uma economia enfraquecida e uma sociedade ao mesmo tempo politizada e profundamente dividida; Allende morreu num golpe militar que destruiu a democracia no Chile pelos quinze anos seguintes; Sarneu e García agora presidem a regimes falidos, ambos enfrentando a ameaça real da hiperinflação e colapso económico» (Sachs, 1990: 24-25).

<sup>23</sup> «Sugerimos que o impulso à adoção de medidas populistas se deve a vários fatores, entre os quais: ambiente de profundo conflito económico, associado à distribuição altamente desigual da renda, instabilidade política, que conduz a governos com expectativa de curta duração e, portanto, com horizonte temporal muito reduzido; clivagem profunda e visível entre interesses setoriais – trabalhadores urbanos em franco confronto com exportadores de *commodities* primárias» (*Id. Ibid.*: 24).

<sup>24</sup> «A força que motiva os políticos populistas (na América Latina) é o enfraquecimento das instituições democráticas, o que faz com que os votantes acreditem que os políticos, apesar da sua retórica, possam



«O povo, depois de resolver as suas necessidades básicas de comida e vestuário, quer expressar a sua opinião» (Weili e Toomey, 2017: 11). A China é exemplo paradigmático de uma sociedade em mutação. Após as reformas de Deng Xiaoping e do trauma da praça Tiananmen, a ideologia comunista deu lugar a uma propaganda nacionalista contra o imperialismo dos EUA, que era dicotómica, mas “vazia de conteúdo”, pelo que apenas instrumental na justificação de políticas partidárias. Nos últimos anos, os chineses transferiram talvez as suas atenções dos conflitos sociais para questões fraturantes (como Taiwan/Formosa) ou sobre política externa (relação com o Japão ou as Coreias). Mas a retórica do governo parece tem menos influência sobre a opinião pública, nestas matérias. Portanto, a propaganda tem dificuldade em afirmar-se e as populações encontram, a este nível, uma forma de escapar ao espartilho do Estado.

Os eurocéticos podem ainda sentir-se atraídos pelo populismo de matriz russa. Os partidos europeus da extrema-direita estão talvez sob a influência da propaganda de Putin, por esta ser “expressão vitoriosa do neo-conservadorismo” imperialista. A extrema-esquerda ainda reverencia a herança comunista da antiga URSS e parece seduzida pelo “anti-capitalismo de Putin”.<sup>25</sup>

Na Europa, alastram as críticas à globalização.<sup>26</sup> Um movimento de direita dá voz à “maioria silenciada”<sup>27</sup> que “defende a austeridade fiscal e o capitalismo”<sup>28</sup>, que não consegue afirmar a sua cultura, ou precisa ser protegida da ameaça exterior (fortes movimentos migratórios, multiculturalismo, invasão de outro país, etc). Agrada a uma classe média dominante ou influente, que visa recuperar ou reafirmar valores relacionados com a pátria e/ou a nação, a identidade, a necessidade de reconhecimento e o papel de um determinado povo no mundo; e que se revolta contra a elite governante que supostamente se *vende ao exterior*.

De qualquer forma, o populismo é sempre contra a elite governante. É dinamizado pela maioria reivindicativa, seja esta empobrecida, ou já influente e de classe média. Serve de contraponto ao rumo que o país leva. Já não se acomoda ao sistema e não mede

---

ter uma agenda de direita ou ser corruptos, ou influenciados por grupos de pressão ricos. Políticas populistas emergem, portanto, como uma forma dos oradores escolherem políticas futuras em consonância com os interesses do votante médio» (Acemoglu, Egorov, Sonin, 2013: 802).

<sup>25</sup> «A ligação entre a Rússia de Putin e os partidos populistas começa a ser uma preocupação para os círculos de política externa europeia. A afiliação dos partidos da direita europeia ao Kremlin é, naturalmente, a mais pronunciada, mas também existe um padrão de associação às posições da esquerda radical na Europa e tendências de política externa através de Moscovo» (Nestoras, 2016: 1).

<sup>26</sup> «Na última década, os partidos populistas ganharam força na Europa Ocidental. São definidos pela oposição à emigração e preocupam-se em proteger a cultura nacional e europeia, recorrendo a linguagem sobre direitos humanos e liberdade. Na política económica, são geralmente críticos da globalização e dos efeitos do capitalismo internacional nos direitos dos trabalhadores. Combinam com retórica e linguagem anti-sistémica. Muitas vezes chamados de “partidos extremistas e populistas” ou de “nova direita”, não se enquadram facilmente nas divisões políticas tradicionais... [com peso crescente] nos parlamentos da Áustria, Bulgária, Dinamarca, Hungria, Holanda, Suécia, Letónia e Eslováquia, e também no Parlamento Europeu. Nalguns países são a segunda ou a terceira força política e são vistos como parceiros de coligação a muitos governos conservadores» (Bartlett, Birdwell e Littler, 2011: 15).

<sup>27</sup> «Ainda existe espaço para diferentes conotações de ‘povo’ que pode ser definido etnicamente, do ponto de vista cívico ou como cidadão comum (‘a maioria silenciosa’))» (Raadt, Hollanders e Krouwel, 2004: 8).

<sup>28</sup> «Todos estes aspetos materiais podem ser elementos do populismo em ação, mas são corolários de ideias subjacentes em diferentes contextos sociais. Por exemplo, políticas económicas com pouca visão emergem em movimentos populistas de países em desenvolvimento, porque os pobres e sem terras constituem a vasta maioria dos cidadãos; em países ricos, o populismo muitas vezes é de direita e defende a austeridade fiscal e o capitalismo. Enquanto grande parte dos movimentos bem-sucedidos possuem líderes carismáticos, isto acontece primeiramente pelo papel que desempenham na coordenação de uma vasta rede baseada no “poder do povo”. A muitos outros movimentos populistas falta este tipo de liderança» (Hawkins, Riding and Mudde, 2012: 4).



esforços para atingir objetivos que *a bem*, os seus agentes, já perderam a esperança de alcançar.

Portanto, o populismo é extremista e anti-sistémico. Nessa medida difere do que é simplesmente *popular* e, em geral, aceite pela população. Um agente popular é moderado. Um populista é fundamentalista e capaz de tudo para atingir os objetivos traçados – a tónica está nos excessos que pratica.

Há líderes que parecem estar permanentemente em campanha eleitoral. Numa República, em que os escrutínios se sucedem uns aos outros, existe grande pressão para agradar aos votantes. É mais fácil os candidatos exporem os seus planos ao mínimo, em discursos vagos, pois a maioria das pessoas não vota em medidas impopulares, por muito necessárias que elas sejam. Logo, a diferença entre o *popular* e o *populista* torna-se porosa.

Onde se coloca a fronteira? O líder popular é realista. Garante a fidelidade dos eleitores através de comportamentos sistémicos, que velem pelo bem-estar social e pela ordem democrática, com base em programas e discursos moderados, em medidas concretas e exequíveis. As críticas aos adversários são mais construtivas do que destrutivas. Joga-se pelo seguro. Não se coloca em causa o sistema. Pelo contrário, o líder populista é anti-sistémico, imprevisível, paternalista, incendiário, idealista ou perigoso.

Também não se deve confundir populismo com nacionalismo. O primeiro é radical. O segundo pode ser moderado ou exacerbado, pois nem todas as pessoas que se identificam com a Nação (valores, território, língua) têm projeto imperialista. O populismo também pode ser uma dicotomia interna (povo *versus* elite) e o nacionalismo uma necessidade de existir fronteira com o exterior (domésticos *versus* estrangeiros).<sup>29</sup>

Depois de definir o populismo, é preciso medi-lo. Como? Uma opção é descrevê-lo de forma minimalista<sup>30</sup>, para abarcar as suas várias dimensões. Porquê? Uma equação com demasiadas variáveis arrisca-se a não chegar a conclusão nenhuma que se aproveite.

O que fazer? Uma hipótese é medir o populismo por etapas ou com base em definições parciais. Podem-se avaliar várias dinâmicas sociais. Geralmente são importantes os discursos dos candidatos às eleições ou os resultados dos escrutínios. Ou os debates parlamentares e de tribuna. Ou os comentários políticos nas televisões. Hoje em dia também se analisam as tendências nas redes sociais ou dos blogues da internet.

A abordagem pode ser quantitativa ou qualitativa. Construi-se uma base de dados. Esta é trabalhada manualmente (fator humano) e/ou com auxílio informático.<sup>31</sup> Divulgam-se os resultados, interpretados numa primeira instância e, depois, por outros investigadores. É possível recorrer a índices de perceção de corrupção ou de risco político à escala mundial, ou outros disponíveis, alguns mais credenciados do que outros, pelo

---

<sup>29</sup> «Não se deve, contudo, confundir populismo e nacionalismo (...) Não apenas pelo facto de existirem populismos que não constroem etnicamente o povo, mas também porque enquanto no etno-nacionalismo (ou nativismo) a distinção básica é entre nativos e estrangeiros, no populismo essa distinção ocorre dentro do mesmo grupo nativo, em que o povo é atraído pelas elites. Para que houvesse essa convergência as elites teriam de ser, também elas, estrangeiras (em vez de apenas «agentes» de interesses estrangeiros, como muitas vezes são denunciadas)» (Zúquete, 2016: 18).

<sup>30</sup> «Começar com uma definição mínima de populismo e tentar aplicá-la a casos empíricos ajuda a determinar se estamos a lidar com populismo ou não. Uma conceptualização mínima tem a vantagem de circunscrever o significado do populismo e a discussão teórica torna-se menos confusa, porque o seu conceito passa a distinguir-se de outros fenómenos políticos» (Deiwick, 2009: 8).

<sup>31</sup> Rooduijn e Pauwels, 2010: 18.



que é necessário fazer referência à fonte consultada. São apenas indicativos, mas ajudam a explicar o fenómeno em consideração.

## 2. Avaliar o Populismo

O populismo pode ser uma ideologia, um tipo de discurso ou uma estratégia política. A tabela 1 reúne estas três principais linhas de investigação em voga.

**Tabela 1: Três Principais Linhas de Investigação sobre Populismo**

	<i>Definição de Populismo</i>	<i>Unidade de Análise</i>	<i>Métodos Relevantes</i>	<i>Referências</i>
<i>Ideologia Política</i>	Conjunto de ideias interrelacionadas sobre a natureza sociopolítica	Partidos e líderes partidários	Literatura partidária. Análise qualitativa de textos	Mudde (2004, 2007) Mudde e Kaltwasser (2012)
<i>Estilo Político</i>	Discurso com características específicas para reivindicação política	Textos Discursos	Análise interpretativa dos textos	Kazin (1995) Laclau (2005) Panizza (2005)
<i>Estratégia Política</i>	Uma forma de organização e de mobilização	Partidos (com enfoque nas estruturas), líderes e movimentos sociais	Análise histórica comparativa e estudos de caso ( <i>case studies</i> )	Roberts (2006) Weyland (2001) Jansen (2011)

Fonte: Baseado em Gidron e Bonikowski, 2013: 17

O populismo, enquanto ideologia, separa dois grupos políticos homogéneos:<sup>32</sup> pobres e ricos, *nós* e *os outros*. Distingue o povo que é bom, da elite que é corrupta.<sup>33</sup>

Enquanto estilo discursivo promove o antagonismo entre duas entidades inimigas (a favor e contra o povo).<sup>34</sup> Implica julgamento de ideias contra forças da oposição supostamente más ou imorais.<sup>35</sup> Resulta numa luta de poderes, sob a lei do mais forte.

<sup>32</sup> O populismo é uma ideologia «(...) que considera a sociedade, ultimamente separada entre dois grupos antagonistas e homogéneos, 'o povo puro' verso 'a elite corrupta' e argumenta que a política devia ser a expressão da vontade geral (...)» (Mudde, 2004: 543)

<sup>33</sup> «Embora os académicos não concordem numa definição de populismo, e várias conceções circulem simultaneamente, existe um denominador comum que a maioria partilha. O fundamento populista consiste numa relação antagonista entre 'o (bom) povo e a (corrupta) elite'» (Rooduijn e Pauwels, 2010: 3-4).

<sup>34</sup> «Antagonismo, enquanto identificação, relaciona a forma (o povo como *signifier*) e o conteúdo (o povo como *signified*) atribuído por vários processos de apelação – ou seja, estabelece quem são os 'inimigos do povo' (...)» (Panizza, 2005: 3).

<sup>35</sup> «Primeiro, entendemos o populismo como um conjunto de ideias (...) É uma bordagem moralizante, dualista, crente na soberania popular, que exalta a opinião da maioria, ao mesmo tempo que caracteriza a oposição como imoral ou malévol. Opõe-se à abordagem do pluralismo que enfatiza a inevitável e desejável diferença de opiniões. O pluralismo almeja instituições que valorizem e protejam os direitos da minoria, enquanto segue a vontade maioritária; o populismo almeja clareza moral e trata a dissidência com suspeita, como se fosse perigosa. Enquanto o pluralismo prefere relações políticas baseadas na cooperação e na harmonia, o pluralismo encara o mundo como naturalmente antagonista» (Hawkins, Riding and Mudde, 2012: 3).





O populista pode ter capacidade mobilizadora, atributos carismáticos, gerar o culto à sua personalidade.<sup>36</sup> Aquando autoritário<sup>37</sup> tem discurso agressivo, arrogante ou teimoso. Mas também pode ser orador amável, extremamente simpático, janota e bem-falante. Depende da postura que melhor funciona no contexto em análise.

Enquanto estratégia política, o populismo promove a coesão social e apela ao voto de um grande número de apoiantes que confiam nele de forma direta, desorganizada e não institucionalizada.<sup>38</sup>

Quais os mais vulneráveis ao populismo? Por um lado, as camadas sociais menos instruídas ou que auferem menos rendimentos. Por outro lado, os desiludidos com a vida ou os revoltados, com ódio ao sistema atual. O politicamente correto, que cala sentimentos profundos de sentido contrário, pode estar a silenciar sectores menos óbvios, até abastados, que se sentem vilipendiados, discriminados ou ameaçados por terceiros (seja esta perspetiva real ou ilusória).

O populismo parece estar em todo o lado<sup>39</sup> e alimenta-se de expetativas defraudadas.<sup>40</sup> Aproveita situações de crise (económica, social, política, religiosa, etc.). Prolifera onde não há misericórdia e o desemprego abunda, tal como a incerteza ou a falta de segurança. Almeja dar voz aos excluídos do sistema.<sup>41</sup> Diaboliza as instituições existentes para dar lugar a todos, ou afastar os rivais e admite fazê-lo violentamente, de forma extremista.

O caráter simbólico dos discursos é importante, nesta matéria. Os eleitores, quando reconhecem as referências (o tipo de linguagem e o código de valores), costumam identificar-se com o plano de ação. Acreditam naquilo que ouvem. Convencem-se que é possível atingir a meta proposta. Porquê? Porque os populistas conseguiram mexer com as suas emoções.

### 3. Disseminar o Populismo

A sociologia política das emoções ajuda a estudar o populismo. A vertente passional da política pode ser considerada romântica pelos idealistas; instrumental, manipuladora e perigosa pelos realistas, que preferem comportamentos mais moderados em esfera pública ou possuem interpretações mais objetivas do interesse nacional.

---

<sup>36</sup> «O populismo baseia-se particularmente em políticas da personalidade» (Taggart, 2000: 101).

<sup>37</sup> Hawkins, Riding and Mudde, 2012: 4.

<sup>38</sup> Weyland, 2001: 14.

<sup>39</sup> «As democracias contemporâneas estão a ser desafiadas. As suas principais instituições e partidos políticos estão em crise há algum tempo, por uma variedade de razões, desde o declínio das ideologias, à tensão entre organizações partidárias e cidadãos, ao enfraquecimento da intermediação, à disseminação da corrupção, ao impacto dos meios de comunicação, à personalização da política. O populismo parece estar em todo o lado hoje em dia.» (Martinelli, 2016: 13)

<sup>40</sup> «As elevadas expetativas da maioria das pessoas saíram goradas pela “desafortunada herança do passado”; perversa burocracia, leis excessivas e obsoletas, partidos subdesenvolvidos, empresas públicas estagnadas ou ineficientes, agricultura ultrapassada e fragmentada, sociedade civil fraca e falta de cultura política moderna. Clivagens sociais foram desenvolvidas como resultado de consequências inadvertidas das reformas que distribuíram desequilibradamente o peso da transformação (desemprego, empobrecimento seletivo, competição desenfreada, imigração ilegal, aumento do crime) numa sociedade dividida entre os bem-sucedidos neste novo sistema e os que experimentaram, de forma objetiva ou subjetiva, perda ou fracasso e até idealização do passado. Esta situação criou clima social favorável ao crescimento dos partidos populistas (...)» (Martinelli, 2016: 19)

<sup>41</sup> O populismo é «(...) todo o projeto político que se sustenta à larga escala, ao mobilizar sectores sociais marginalizados que torna publicamente visíveis e gera ação política contenciosa, enquanto articula retórica nacionalista anti-elite que valoriza o cidadão comum.» (Jansen, 2011: 82)



O domínio do paradigma racional desconfia do que é interpretativo ou dependente da perspetiva. Evita colocar-se sob o capricho da multidão em fúria. Mas o ressentimento<sup>42</sup> é terreno fértil para o populismo. Está inerente um voto de revolta contra o sistema impulsionado pela raiva<sup>43</sup> que luta contra algum tipo de injustiça e, em consequência, transfere as culpas para uma entidade paralela (para o Estado, as elites, o governo, etc.).

Está comprovado que as emoções têm impacto nas eleições<sup>44</sup>. A propaganda política vende uma ilusão. Os interesses empresariais dos meios de comunicação não são neutros quando tentam maximizar as audiências e assinar rentáveis contratos de publicidade. No limite, podem transformar a realidade numa experiência mística ou disseminar ideologia do "senso comum" contrária à deliberação baseada em factos. Entramos no âmbito da mediatização da política democrática ou da diplomacia pública ou da cobertura de campanhas políticas que implicam investimento em imagem e em estilos sofisticados de comunicação e de linguagem<sup>45</sup>.

O populismo cria uma realidade paralela, baseada em exageros e emoções exacerbadas, que infantilizam e confundem o leitor, com o objetivo de influenciar a sua deliberação; não em função da experiência e do raciocínio lógico, mas da impulsividade, do instinto, do medo patológico ou da quimera capaz de atingir o impossível.

Por exemplo, os populistas prometem baixar os níveis de desemprego, alguns até defendem o pleno emprego, mas raramente comunicam medidas concretas em prol desse objetivo, porque a verdade coaduna-se pouco com o plano; embora a rutura com o modelo de referência possa parecer um oásis no meio do deserto que o desespero proporciona.

Os meios de comunicação podem ajudar a fiscalizar os erros de linguagem e a denunciar os exageros comportamentais. Não o fazem se são sensacionalistas e populistas.

Podemos talvez subdividir o processo de mediatização da política por fases. Na década de 60 do séc. XX, os eleitores pareciam ser fieis a alianças prévias e definidas, seguiam ideologias dominantes nos partidos políticos, num contexto em que a imprensa escrita e a radio faziam a seleção das principais matérias em discussão.

Nos anos 90, a televisão transmitia conteúdos de forma transversal à sociedade. Os agentes políticos aproveitavam-se deste palco para entreter as multidões com o seu humor e habilidades, já com preocupações de imagem e de marketing político. O formato

---

<sup>42</sup> «(...) uma política de ressentimento generalizado em que as incertezas do capitalismo e a supervisão do Estado criam indivíduos com uma sensação difusa de falta de poder, a expressão pública de uma praxis que não é positiva nem consolidada, mas que resulta de uma reação apressada e dependente que, em regra, assume a forma de 'política de identidade' (...) o ressentimento é o sentimento dos fracos (...)» (Demertzis, 2006: 104)

<sup>43</sup> «A raiva parece ser o grande motor por trás do populismo. Isto porque perceções de injustiça, julgamentos morais, atribuição de culpas e necessidade de controlo são componentes desta emoção negativa e, ao mesmo tempo, são elementos fundamentais da retórica populista. (...) a ira aumenta significativamente as atitudes populistas e a probabilidade de votar no partido populista. A ansiedade tem o efeito oposto, só obtendo significado estatístico do lado do eleitor. A tristeza não produz efeito» (Rico e Guinjoan e Anduiza, 2016: 1).

<sup>44</sup> «Primeiro, demonstrámos que existem claros limites à competência dos eleitores, uma vez que a decisão de votar é afetada pelos resultados desportivos (...) Segundo, demonstrámos que uma fonte de decisão sub-ótimal é a incapacidade dos votantes separarem as suas emoções da sua cognição política. Portanto, quando os votantes tomam decisões, emoções e eventos desempenham um papel importante nas variáveis políticas explícitas. De facto, o efeito geral do humor na votação pode ser significativamente maior do que sugerem as nossas estimativas, pois o desporto é apenas uma das muitas influências que os eleitores sofrem e nem todos gostam de desporto» (Healy e Malhotra e Mo, 2009: 24).

<sup>45</sup> Azzarello, 2011: 18-19.



não era adequado a grandes reflexões filosóficas, mas atraía pessoas carismáticas, com capacidade de emocionar plateias tal como os atores no teatro.

O primeiro quartel do séc. XXI foi dominado pela globalização dos meios de comunicação, sobretudo da internet, capaz de disseminar rapidamente, pelo mundo inteiro, uma amálgama disforme de conteúdos, tanto credíveis quanto erróneos ou facilmente manipuláveis. Nos últimos anos, a política vergou-se às redes sociais onde abundam as notícias falsas, o lixo informativo e a coscuvilhice. Estas fontes são imprevisíveis, incontroláveis e propícias ao populismo, sobretudo num contexto complexo<sup>46</sup> que mistura questões sérias com entretenimento, qual fossem a mesma coisa.

Alguns estudos concluíram que as pessoas não votam necessariamente nos partidos que têm cobertura mediática e só aderem aos populistas quando estão insatisfeitos<sup>47</sup>. Seja como for, os humanos tendem a participar em fenómenos de grupo. Deixam-se arrastar pela torrente, quando sob pressão dos amigos ou porque sentem afinidade por uma determinada visão do mundo. Uma vez organizados, os indivíduos formam ondas de descontentamento que, algum tempo depois, podem transformar-se em maremotos políticos.

Na internet, os adeptos do populismo europeu parecem corresponder ao seguinte perfil: sobretudo jovens do sexo masculino, empregados e otimistas, filiados num partido ou com elevada probabilidade de votar nele, que não aceitam o rumo que o país leva. São críticos da construção europeia e das suas instituições afastadas das realidades nacionais. Não acreditam na justiça e revoltam-se contra a impunidade, transferindo a confiança para a polícia e para o exército. Já não votam ou saem de casa (ativismo cibernético) para votar (em partidos anti-sistémicos ou nacionalistas de direita) por temerem a imigração e o extremismo islâmico e tentarem impedir a erosão cultural do país; e admitem manifestar-se nas ruas contra a corrupção, se necessário, com violência. (Bartlett, Birdwell e Littler, 2011: 20-21)

De facto, alguns estudos consideram “viril” o discurso populista, admitindo que as mulheres se metem menos na política e adotam comportamentos mais moderados, ou seja, partem de um modelo tradicional que pode não corresponder à verdade.<sup>48</sup> Mas variáveis como a idade ou o género podem não ter impacto significativo na equação<sup>49</sup>,

---

<sup>46</sup> «Da perspetiva das comunicações, a literatura relevante tem estudado a ligação entre os meios de comunicação e o populismo, mormente pelas lentes da mediatização da política. (...) Ocorre ao mesmo tempo que a profissionalização da publicidade e das técnicas de campanha dos partidos políticos, da comercialização crescente do jornalismo, da diversificação dos canais e dos agentes abertos a novas reivindicações políticas, e à radical segmentação das audiências políticas. (...) É importante observar estas tendências num contexto amplo de processos de mudança social, de modernização (fragmentação da organização social e políticas de empolamento da identidade), individualização (com abordagem mais orientada para o consumo e a gratificação política), a secularização (que reduz o estatuto de políticas oficiais e identificações partidárias, com ceticismo em relação às elites estabelecidas), a economia (jornalismo subordinado a critérios de mercado) e estilização (que encoraja aproximações entre a política e a cultura popular).» (Wirth *et al.*, 2016: 24-25)

<sup>47</sup> «Apenas quando os cidadãos concordam com a posição partidária é que a exposição mediática torna mais provável que eles votem nesse partido» (Bos *et al.*, 2014: 21).

<sup>48</sup> «(...) intelectuais feministas têm questionado a sexualização da cultura corrente e da relação entre sexo, dinheiro e poder que subjaz ao populismo de Berlusconi. Os debates em torno da ideia do ‘silêncio das mulheres’, do ‘pós-patriarcado’ e da ‘mulher real’ não televisiva (...) O conceito de ‘pós-feminismo’ é uma alternativa válida (...) consegue capturar a complexidade das políticas dos governos de Berlusconi, que constituem um retrocesso em relação às vitórias do feminismo dos anos 70 e 80 do séc. XX.» (Azzarello, 2011: 106-107).

<sup>49</sup> «Ao contrário do que pensam alguns, embora em linha com investigação mais recente, (o populismo) não está consistentemente relacionado com a idade ou o género. É importante, porque estes resultados



se admitirmos que tanto homens como mulheres podem ser populistas e que, tanto juniores como seniores podem estar defraudados, ao ponto de aderirem a medidas extremas para resolver os problemas.

Na internet há espaço para moderados e extremistas. A diferença é que os últimos saltam à vista nas redes sociais, ao contrário do que acontece no dia-a-dia, em que os moderados tendem a ser dominantes, quando os outros se calam.

Porquê? A internet permite mais liberdade de expressão que o quotidiano politicamente correto defendido pelas instituições comunitárias (União Europeia) ou estaduais, a nível nacional, regional ou local. Quando os cidadãos temem emitir a sua opinião em ambiente profissional, desistem de participar em manifestações ou deixam de votar, podem parecer inofensivos e passar despercebidos às sondagens tradicionais. Mas se a revolta está instalada, dissemina-se entre indivíduos com interesses comuns nas redes sociais (Facebook, Instagram, Badoo, Google +, LinkedIn, My Space, Twitter, Tumblr, etc.) ou através de blogues temáticos<sup>50</sup>. É um tipo de resistência passiva que pode rebentar a qualquer momento. Sobretudo quando emerge um líder suficientemente forte para abrir o caminho que as massas querem trilhar e as defende em campo aberto. É, nessa altura, que as ruas se enchem de entusiastas e o sistema muda, de repente.

A questão é particularmente importante, se admitirmos que o terrorismo é a expressão mais violenta do populismo, seja de Estado (Revolução Francesa) ou não-estadual. Hoje em dia, numa internet sem regras nem controlo, é fácil controlar as populações à distância através da divulgação de notícias falsas ou de propaganda; lavagem de dinheiro, ciber-bullying e ciber-ataques aos *sites* das instituições.

O populismo Jihadista adequa-se particularmente à realidade virtual, atendendo à sua natureza globalizada que almeja abarcar toda uma comunidade de crentes (*Ummah*), extensível além de um território claramente definido. (Bhui and Ibrahim, 2013: 217-219) O Jihadismo do Médio Oriente com eco na Europa consegue agendar, no séc. XXI, atentados, em plataformas virtuais, antes de atacar as vítimas no terreno. As populações, apanhadas desprevenidas, ficam vulneráveis ao medo e à raiva. A revolta produz mais populismo e empurra os moderados para as margens do sistema, quando começa a haver necessidade de haver um *nós* e um *eles* por uma questão de sobrevivência. Contrariar essa tendência torna-se cada vez mais difícil à medida que os atentados se multiplicam e o número de vítimas aumenta.

## Conclusão

A definição de populismo não é consensual, porque a sua conceptualização pode ser uma afirmação política.<sup>51</sup> Responder a perguntas como *quem é populista* e que meios emprega ou como se afirma na arena política, é matéria de escolha e esta dificilmente é neutra.

---

verificam-se não só em ambientes mais conservadores, como no país no seu conjunto» (Hawkins, Riding and Mudde, 2012: 23).

<sup>50</sup> «O surgir das redes sociais criou uma nova forma de expressar apoio a uma pessoa, organização ou ideia. Os indivíduos podem apoiar ou tornar-se membro de um dos milhares de grupos online com apenas um clique. Isto levanta uma série de questões sobre a força dessa afinidade e da relação entre envolvimento online e offline» (Bartlett, Birdwell e Littler, 2011: 33).

<sup>51</sup> «O populismo é muitas vezes usado como um conceito analítico e, na falta de claro consenso académico sobre o seu significado, é uma definição contestada. Mas a confusão sobre o termo, todavia, não é apenas causada por um problema analítico de generalização; resulta sobretudo da promiscuidade com que se utiliza e o significado pejorativo da palavra, tanto dentro como fora do debate científico. Qualquer definição



É difícil medir o fenómeno e o «(...) problema fundamental não é necessariamente o populismo, mas a orientação política que o mobiliza.» (Alvares e Dahlgren, 2016: 49). Neste sentido, pode ser um tipo de discurso, uma ideologia ou uma estratégia (ou as três ao mesmo tempo) extremista e anti-sistémica. A propaganda e os meios de comunicação são veículos que o disseminam.

O populismo tem História e é contra a exclusão social<sup>52</sup>, pelo que é importante identificar quem controla os recursos num determinado território. Do ponto de vista do discurso, *diz ao povo o que ele quer ouvir*. A ideologia política encara o povo como entidade única e homogénea.<sup>53</sup> Faz parte da estratégia defender a plebe<sup>54</sup> e, de certa forma, presta-lhe culto.<sup>55</sup>

O populismo é uma retórica com características específicas, muito utilizada em período eleitoral, que gera emoções e atitudes extremas. Pode ter matriz difusa a favor dos direitos e garantias do 'povo' numa Democracia. Almeja agradar às massas, tenta satisfazer as suas vontades e necessidades imediatas, mesmo quando não são exequíveis. Pode ter boas intenções, mas arrisca-se a ser paternalista e a infantilizar o recetor da mensagem. Quando se aproveita das carências da plebe, o demagogo manipula-a. Por isso, o populismo pode ser maquiavélico, instrumental, incendiário ou perigoso.

Um partido populista faz oposição ao regime. Vangloria-se de ser o porta-voz da maioria injustiçada contra os *lobbies*, ou ps grupos minoritários privilegiados que impedem a felicidade da população. Se for necessário derrubar barreiras, torna-se radical ou impinge algum tipo de rutura com o *status quo*. Critica o mal funcionamento da Democracia representativa existente. Mas não pretende ser antidemocrático. Pelo contrário, defende uma democracia (mais) direta, capaz de punir as instituições intermediárias que fazem frente à "verdadeira e não corrompida vontade do povo".<sup>56</sup>

O populismo é uma forma de luta. Assim reivindicam os que têm pouco, mas almejam auferir mais. Quem é pobre quer ser rico. Quem já satisfaz as necessidades básicas, quer expressar a sua opinião. Quem não tem liberdade, exige-a.

A opinião pública de um país desenvolvido reclama direitos e garantias que talvez não estejam no topo das prioridades de uma população sujeita a conflitos armados. Por isso é que o populismo depende da área geográfica, da cultura e da ideologia dominante.

---

científica atribuída a este conceito político é um ato político em si mesmo (...)» (Raadt, Hollanders e Krouwel, 2004: 4).

<sup>52</sup> «O populismo não é uma aberração histórica ou um desvio dos padrões universais da modernização (...) surgiu historicamente como uma resposta à marginalização de muitos da política. A persistência das exclusões sociais e económicas provocadas pelas políticas neoliberais e, em particular, a dificuldade dos pobres em acederem aos seus direitos constitucionais explicam a sua resiliência. Embora as manifestações concretas do populismo e os níveis de polarização variem consoante as experiências, o populismo continua a ser recorrente nas democracias em que os direitos das pessoas comuns não são reforçados ou respeitados» (Torre, 2007: 394-395).

<sup>53</sup> «A população é uma unidade e apenas uma, e uma referência ao povo não é apenas uma reivindicação retórica, é parte consistente da sua ideologia» (Raadt, Hollanders e Krouwel, 2004: 7).

<sup>54</sup> «Os populistas colocam "o povo" no centro da sua política» (Rooduijn e Pauwels, 2010: 4).

<sup>55</sup> «*Populism worships the people*» (Ionescu e Gellner, 1969: 1).

<sup>56</sup> «Um primeiro elemento de ideologia dos populistas é encontrado na rejeição ao sistema. A crítica é a razão de ser de qualquer partido da oposição, mas os partidos populistas desenvolvem um conjunto de argumentos sobre o mau funcionamento da democracia representativa. (...) O populismo não é antidemocrático (...) repreende as organizações intermediárias que se colocam no meio da expressão verdadeira e não corrompida da vontade do povo» (Raadt, Hollanders e Krouwel, 2004: 6).



Numa democracia, muitos líderes condenam o populismo, mas tomam iniciativas e proferem discursos populares e geralmente aceites pela população, para que esta vote neles. As fronteiras entre o que é popular e populista são porosas em períodos de crise.

O líder é popular se agrada ao povo com soluções que não arruinam o Estado de Direito. É populista quando defende programa extremista. O primeiro promove a ordem democrática. O segundo é causa ou consequência da desordem democrática.<sup>57</sup> A estratégia popular é moderada, protetora, construtiva ou segura. A populista é paternalista, fundamentalista, destrutiva ou perigosa. Políticas sistémicas são realistas, construtivas, baseadas em medidas concretas e em promessas exequíveis; modelos idealistas são difusos, imprevisíveis ou prometem o que não sabem se podem cumprir.

Os defensores das massas invocam a liberdade, a igualdade e a fraternidade. Procuram garantir que a soberania do povo não é apenas de fachada. Quando os seus líderes são carismáticos, são marcos da História<sup>58</sup> e tentam ser agentes de transformação política. Para uns, os populistas são o inimigo, para outros são heróis da população. Para uns, o populismo é antidemocrático, mas nem sempre a crítica às elites é considerada uma "ameaça à democracia liberal, enquanto mantiver a sua orientação individualista e anti-estadista."<sup>59</sup> Portanto, a tendência muda quando o projeto se torna radical.

A frustração, a raiva, a desilusão, o medo e as emoções mais básicas fundamentam o voto populista. Num contexto de incerteza, a moderação pode ser uma ameaça à sobrevivência. Cícero preferia a paz mais injusta à mais justa das guerras.<sup>60</sup> Mas será que a maioria da população ainda prefere o *status quo*?

Os conflitos existem, um pouco por todo o mundo, fruto da rivalidade entre grupos culturais, identitários ou com reivindicações socioeconómicas insatisfeitas<sup>61</sup>. Portanto, não caminhamos para o término da evolução ideológica da humanidade, nem para a uniformização da democracia liberal ocidental.<sup>62</sup>

Pelos vistos, não mudámos muito desde os romanos. Antigamente havia tabuletas de cera. Agora há *tablets* com acesso à internet. Mas as pessoas ainda têm dificuldade em conviver em espaço público, quando abusam das liberdades e garantias e das virtudes de uma República, num contexto que privilegia e premeia o entretenimento.

---

<sup>57</sup> «(...) a hipertrofia do lado democrático, ao ponto de enfraquecer excessivamente as proteções dos direitos dos indivíduos e das minorias conduz à desordem democrática conhecida por populismo.» (Plattner, 2010: 87)

<sup>58</sup> «O líder populista carismático fascina, mistifica e excita. Os líderes populistas marcam profunda e indelevelmente a História nacional e global; muitas vezes coloridos e arrebatadores, são bem-sucedidos ao forjar uma ligação com os seus seguidores que raramente deixa de incluir um tom moral ou religioso. Eles afirmam falar para e com o povo; para além da mera representação, afirmam personalizar o povo e estão preparados para seguir lealmente algo relativamente parecido com o que Rosseau chamou de 'vontade geral'. No meio desta identificação tumultuosa e processo de ligação, as fronteiras institucionais e convenções são geralmente esquecidas ou criticadas, a favor de um contacto não mediado com os cidadãos» (Piramo, 2009: 1-2).

<sup>59</sup> Plattner, 2010: 92.

<sup>60</sup> *Equidem ad pacem hortari non desino; quae vel iniusta utilior est quam iustissimum bellum cum civibus.* Cícero, *Cartas a Ático*, VII, 14. (Winstedt, 1913: 69)

<sup>61</sup> «No mundo pós Guerra Fria, as alterações mais importantes entre povos não são ideológicas, políticas ou económicas, mas culturais. (...) Os povos usam a política, não apenas na prossecução dos seus interesses, mas também para definir a sua identidade» (Huntington, 1996: 21).

<sup>62</sup> «O que estamos a testemunhar não é apenas o fim da Guerra Fria, ou a passagem para um período especial da História do pós-guerra, mas ao fim da História enquanto tal: isto é, ao fim da evolução ideológica da Humanidade e à uniformização da democracia liberal ocidental enquanto forma final de governo humano» (Fukuyama, 1989: 4).



Os cidadãos votam em líderes que os façam rir, com capacidade para mobilizar as emoções, que dão espetáculo, que sabem vestir-se ou entusiasmar o eleitorado entediado que gosta de jogar ao computador ou de desportos radicais. Ao invés de escolherem governantes capazes de enfrentar a realidade com políticas que efetivamente contribuam *para o que o povo precisa*, no presente e no futuro, votam em animadores de retórica vã, que prometem *ao povo o que ele quer ouvir* ou transformam a vida num passatempo. Os *opinion makers* deixam de ser especialistas. A informação é menos escrutinada por jornalistas e mais disseminada pelas redes sociais (Facebook, Twitter, etc.) ou por *bloggers* com vídeos de muitas visualizações. A educação formal é substituída por um sistema de equivalências. Investe-se menos em famílias coesas e seguras, preferem-se alternativas disfuncionais que não conferem estrutura às sociedades. Os adolescentes não querem ser cientistas, querem desfilarem em passerelle. Não admira que os eleitores, cada vez mais inexperientes ou imaturos, votem em *famosos* (que conhecem pela televisão ou pela internet) ao invés de sábios e estadistas. Portanto, o ambiente é volúvel e propício ao populismo.

Não estamos no fim da História. Estamos no começo de um novo ciclo, de uma onda que pode resultar em maremoto; e não é por falta de aviso. É que a matriz *pós-moderna* parece-se cada vez mais com o *pão e circo* dos antigos romanos, ao qual sucedeu a Idade Média. Sem esquecer que o terrorismo jihadista já abriu a porta a esse caminho. Resta saber se conseguimos contrariar a tendência com base nas lições já estudadas.

### Referências bibliográficas

- Acemoglu, Daron and Egorov, Georgy and Sonin, Konstantin (2013). "A Political Theory of Populism". *The Quarterly Journal of Economics*, 128 (2), pp. 771-805.
- Alvares, Claudia e Dahlgren, Peter (2016). "Populism, Extremism and Media: Mapping na Uncertain Terrain". *European Journal of Communication*, Vol. 31 (1), pp. 46-57.
- Arter, David (2010). "The Breakthrough of Another West European Populist Radical Right Party? The Case of the True Finns". *Government and Opposition*, Vol. 45 (4), pp. 484-504.
- Azzarello, Stefania (2011). "Populist Masculinities – Power and Sexuality in the Italian Populist Imaginary". *University of Utrecht, Women's Studies Department, Institutum Studiorum Humanitatis, Women's Studies Department, Gemma Erasmus Mundus Master 'Women's and Gender Studies', Final Thesis*, pp. 1-116.
- Barr, Robert (2009). "Populists, Outsiders and Anti-Establishment Politics". *Party Politics*, Vol. 15 (1), pp. 29-48.
- Bartlett, Jamie, Birdwell, Jonathan and Littler, Mark (2011). "The Rise of Populism in Europe can be Traced Through online Behaviour – The New Face of Digital Populism". London: Demos.
- Bos, Linda *et al.* (2014). "The Impact of media coverage on right-wing populist parties: the role of issue ownership". *ECPR General Conference*, pp. 1-43.
- Bhui, Kamaldeep and Ibrahim Yasmin (2013). "Marketing the 'radical': Symbolic communication and persuasive technologies in jihadist websites". *Transcultural Psychiatry*, Vol. 50, N.º 2, pp. 216–234.



- Corduwener, Pepijn (2014). "The Populist Conception of Democracy beyond Popular Sovereignty". *Journal of Contemporary European Research*, Vol. 10, Issue 4, pp. 423-437.
- Deiwiks, Christa (2009). "Populism". *Living Reviews in Democracy*, Center for Comparative and International Studies of the University of Zurich, pp. 1-9.
- Demertzis, Nicolas (2006). "Emotions and Populism". In Clarke, Simon *et al.* (eds.). *Emotion, Politics and Society*. London: Palgrave Macmillan (103-22).
- Dinç, Pinar (2016). "Mapping Populism: Definitions, Cases, and Challenges to Democracy". Istanbul Policy Center, At Sabanci University, pp. 1-16.
- Fukuyama, Francis (1989). The End of History? *National Interest*, Vol. 16, Summer, pp. 3-18.
- Gidron, Noam and Bonikowski, Bart (2013). "Varieties of Populism: Literature Review and Research Agenda". *Weatherhead Center for International Affairs*, Harvard University, Working Paper Series, N. 13-0004, pp. 1-38.
- Hawkins, Kirk and Riding, Scott and Mudde, Cas (2012). "Measuring Populist Attitudes". *CIDE/IPSAC&M*, Committee on Concepts and Methods, Political Concepts, Working Paper Series, N. 55, January, pp. 1-35.
- Healy, Andrew J. and Malhotra, Neil and Mo, Cecilia H. (2009). "Personal Emotions and Political Decision Making: Implications for Voter Competence". *Stanford - Graduate School of Business*, Research Paper N. ° 2034, July, pp.
- Huntington, Samuel P. (1996). *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*. New York: Simon & Schuster.
- Ionescu, Ghita and Gellner, Ernest (1969). *Populism: its Meaning and National Characteristics*. Oakland: University of California Press.
- Jansen, Robert S. (2011). "Populist Mobilization: A New Theoretical Approach to Populism". *Sociological Theory*, 29 (2), pp. 75-96.
- Kazin, Michal (1995). *The Populist Persuasion: An American History*. Ithaca: Cornell University Press.
- Laclau, Ernesto (2005). *On Populist Reason*. London: Verso.
- Martinelli, Alberto (2016). "Populism and the Crisis of Representative Democracy". In *Populism on the Rise: Democracies Under Challenge?* Milano: ISPI; pp. 13-32.
- Mendes, José (2005). "Só é Vencido quem deixa de lutar. Protesto e Estado Democrático em Portugal". *Revista Crítica de Ciências Sociais*, N.º 72, Outubro, pp. 161-185.
- Moffitt, Benjamin and Tormey, Simon (2014). "Rethinking Populism: Politics, Mediatization and Political Style". *Political Studies*, Vol. 62, pp. 381-397.
- Mudde, Cas (2004). "The Populist Zeitgeist". *Government and Opposition*, Vol. 39 (4), pp. 442-563.
- Mudde, Cas (2007). *Populist Radical Right Parties in Europe*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mudde, Cas and Kaltwasser, Cristóbal (2012). *Populism in Europe and the Americas*. Cambridge: Cambridge University Press.





- Nestoras, Antonios (2016). "Is Information Warfare Breaching the European Parliament?" *Institute for European Studies, Policy Brief, Issue 2016/12, May*, pp. 1-2.
- Ostiguy, Pierre (2001). "Populism, Democracy, and Representation: Multidimensional Concepts and Regime Types in Comparative Politics", *Latin American Studies Association Meeting, Washington DC, September 6-8*, pp. 1-26.
- Panizza, Francisco (2005). *Populism and the Mirror of Democracy*. London: Verso.
- Piramo, Daniela di (2009). "Speak for me! How Populist Leaders Defy Democracy in Latin America". *Journal of Global Change, Peace and Security*, pp. 1-32.
- Plattner, Marc F. (2010). "Populism, Pluralism, and Liberal Democracy". *Journal of Democracy, Vol. 21, N.º 1, January*, pp. 81-92.
- Raadt, Jasper de and Hollanders, David and Krouwel, André (2004). "Conceptualising Populism – Analysing the Level and Type of Populism of Four European Parties". *PoliticoLogenetmaal, workshop 'Kwaliteit van leven en politieke attitudes. Methodologische Vraagstukken en Empirische Analyses', Draft Paper, 27/28 May*, pp. 1-25.
- Rico, Guillem e Guinjoan, Marc and Anduiza, Eva (2016). "The Emotional Underpinnings of Citizens' Populism: How Anger, Fear, and Sadness Affect Populist Attitudes and Vote Choice", *Universitat Autònoma de Barcelona*, pp. 1-28.
- Roberts, Kenneth M. (2006). "Populism, Political Conflict, and Grass-Roots Organization in Latin America". *Comparative Politics, Vol. 38 (2)*, pp. 127-148.
- Rooduijn, Matthijs and Pauwels, Teun (2010). "Measuring Populism in Comparative Research – Two Content Analysis Methods Compared". *PoliticoLogenetmaal, 27-28 May, Leuven*, pp. 1-28.
- Sachs, Jeffrey D. (1990). "Conflito Social e Políticas Populistas na América Latina". *Revista de Economia Política, Vol. 10, N.º 1 (37), janeiro-março*, pp. 5-31.
- Sikk, Allan (2009). "Parties and Populism". *CEPSI – Centre for European Politics, Security & Integration, UCL School of Slavonic and East European Studies, Working Paper 2009-02*, pp. 1-15.
- Taggart, Paul (2000). *Populism*. Buckingham. Open University Press.
- Torre, Carlos de la (2007). "The Resurgence of Radical Populism in Latin America". *Constelations, Vol. 14, N.º 3*, pp. 384-397.
- Weili, Ye and Toomey (2017). "Chinese Nationalism, Cuber-Populism, and Cross-Strait Relations". *ISA International Conference in Hong Kong*, pp. 1-16.
- Weyland, Kurt (2001). "Clarifying a Contested Concept: Populism in the Study of Latin American Politics". *Comparative Politics, Vol. 34 (1)*, pp. 1-22.
- Winstedt, E. O. (1913). *Cicero – Letters to Atticus*. (Vol. II). London: William Heinemann.
- Wirth, Werner *et al.* (2016). "The appeal of populist ideas, strategies and styles: A theoretical model and research design for analyzing populist political communication".
- NCCR – National Centre of Competence in Research – Challenges to Democracy in the 21st Century, Working Paper N.º 88*, pp. 1-60.



Zúquete, José P. (2016). "Era uma Vez o Populismo". *Relações Internacionais*, Junho, pp. 11-22.